TE 345
Hello boy - peça teatral
BR.TBES.C.830
20

ver & ouvir
A TRIBUNA
Vitória, ES, sexta-feira, 27 de novembro de 1981

Hello, boy! ou, um convite para você sobreviver, amando

O capixaba poderá ver, até domingo, no Teatro Carlos Gomes, a peça **Hello, boy!** com o grupo Artes, de Sorocaba (SP). Considerada pela crítica especializada como uma das melhores peças apresentadas nesse ano, o grupo ainda foi detentor dos prêmios de melhor ator (Hamilton Sbrana), melhor direção (Roberto Gill Camargo) e melhor iluminação. Desenvolvendo uma linguagem baseada no sugestionamento e na comunicação por cenários e objetos ausentes, a peça vem alcançando grande sucesso, com um indiscutível alto nível profissional, resultando num trabalho inpecável.

De repente, Olívia é convidada para sair da casca, acreditar na vida para sobreviver na condição de amante

Todos os medos superados. Um momento de largada rumo à felicidade, mesmo sendo temporária

Dimas Vieira, representa Vitor, o adolescente que ama e briga pela mulher amada, desafiando o próprio tempo de viver

Hamilton Sbrana vive Olívia, personagem responsável pelas mensagens mais sérias da montagem

Nelsa Amaral e Vitorina Gonçalves

A peça **Hello, boy!** dirigida por Roberto Gill Camargo continua hoje em cartaz, no Teatro Carlos Gomes com temporada prevista para encerrar no domingo. No elenco, Hamilton Sbrana e Dimas Vieira, dois únicos atores perfeitamente capacitados e conscientes de suas responsabilidades para com a platéia capixaba.

Um texto simples conta a história de uma professora de inglês, muito voltada para sua própria realidade e perfeitamente consciente da forma que é conceituada: Neurótica e solteirona. De repente ela se vê às voltas com um adolescente de dezessete anos que por ela se apaixona, e é desse relacionamento, amor de um adolescente (Dimas), tentando acabar com os traumas da velha professora (Hamilton), que nasce a mensagem de força, de seguir, de abrir, de deixar as janelas escancaradas para o momento, mesmo que ele não dure, mas seja vivenciado dentro dele mesmo.

Hamilton-Olívia (pessoa e personagem), mostra ao público capixaba um potencial de liderança, de comando, de firmeza contra os velhos propósitos de se ficar trancado em personalidades, remoendo mágoas, fantasiando o inexistente. E nessa mensagem, consegue Hamilton atingir o público já cansado de tantas brigas interiores, além das normas que e vivencia num dia a dia.

De repente, somos todos Olívias em passarelas uerendo liberar as tensões, mas vivendo para o que diz na comunidade, preocupados com as peadas, com os tabus sociais impostos. Somos Olívias m sentimentos guardados debaixo de lacres ou os que, somente a nós interessa, uma vez que niném se preocupa com o que fazemos. Nós é que nos ntemos ligados para perceber se até nossas falhas sais, nossas atitudes comportamentais chamam ação e, nessa expectativa, vamos passando pelo po, gritando nossa necessidade de amor, nossa ncia, nossa solidão, na própria redoma criada não sabermos externar ou aceitar as realidades e ações dos que de nós se aproximam.

Hamilton-Olívia (o ator). Os críticos e os entens, deram a Hamilton o prêmio de melhor ator. É . E quem tirará dele o seu potencial criativo, a garra, a sua comunicação perfeita; quer nas zações, quer nos gestos, quer nas expressões, na facilidade de se ligar com a platéia, até com a rma honesta de ficar parado dentro de palcos. onúncia "number nine", ao cantar expressivo, çar amoroso até o grampear de cabelos, tudo ra em Hamilton o perfeito equilíbrio cênico de um palco do Teatro Carlos Gomes, ou denutros teatros já vivenciados ou por vivenciar.

ersonagem Olívia pula para os corpos e a só tem mesmo que reagir com aplausos, não os em cenas de princípio até um final, onde estripador ficaria com inveja pois, nem ele estrangular emoções dentro de esquemas corais que perfeitos. Olívia é a própria supessoal depois de contatos com a pureza do enil. É a vitória sobre tabus impostos. É a ontade de recomeçar, de acreditar em alsa, em alguém, quando nos sentimos peris fracos, desacreditados, abandonados, dentro de muros individualistas.

Victor (pessoa-personagem). Dentro de e nós, devem existir perdidas em qualquer corpo, as lembranças daquele primeiro uela primeira paixão, despertadas ainda ência. E estas na verdade, sempre são a a professora que mais marcou quando pelos bancos escolares. Victor desafia nvenções sociais, as leis tradicionais e se r Olívia, prisioneira de si mesma, amar-Victor desconhece idades, tempos, graus estos fortes e a própria palavra rejeição.

Sabe do seu amor e do seu tempo de viver na condição de amante. É perfeitamente consciente que, dentro de contextos, tudo está abaixo do seu sentir. Sua adolescência é apenas um registro em tempos, e sua meta é maior: conquistar pra si quem despertou pela primeira vez a capacidade de amar intensamente. Sua doença é largada de lado, em certos momentos, para curar Olívia de outra doença, a passividade na aceitação de fatos.

Victor é o nosso adolescente de hoje que, com curtos espaços em quedas ante uma doença incurável, digladia-se contra os avós, contra os companheiros e torna-se a sombra de Olívia, convidando-a a viver, a se abrir, a olhar as flores, a curtir uma motoca, uma música bonita — **Stela by Star Light.** Na sua forma de passar amor, derrete os gelos, supera-se e ajuda a superar. A platéia também está em Victor e se transforma, durante mais de uma hora, em todos os Victor, passa por ele a torcer, e com ele oferece à Olívia todos os presentes, todos os gritos, todos os elogios e flores.

Dimas-Victor — (o ator) Uma presença cênica muito forte dentro de marcações e criações isoladas. Dimas não pára em todo o momento. Nem diante de cenas que revelam o seu amor, até a própria masturbação e sua interrupção, com gestos estudados, fortes, convincentes, carinhosos e convidativos. Aparentemente é Olívia que conduz todos os passos mas, na realidade, tanto Hamilton quanto Dimas tornam-se um só personagem, fundem-se debaixo dos refletores ou na penumbra, contracenando no palco com o próprio espectador.

Este trabalho poderia ter sucesso com outros diretores, com outras marcações cênicas ou com outros atores. Mas é aí que está realmente a validade do espetáculo. Roberto Gill Camargo, também autor desse texto, provou mais uma vez a importância da Semiologia aplicada ao teatro, curso que está sendo ministrado no Teatro Estúdio, desde segunda-feira, para os nossos atores locais, totalmente grátis, e que se encerra hoje.

Hello, boy! supera todas as expectativas. Não há grandes momentos dramáticos, e todas as cenas mostram a vitalidade de Hamilton e Dimas, já que a marcação é imediata, precisa, simples e objetiva. São jogadas perfeitamente construídas, frutos de laboratórios. São cenas difíceis, pois, num momento em que precisamos de símbolos para acreditar em alguma coisa, os dois atores trabalham com total ausência destes, usando apenas o linguajar direto, e todos os movimentos que podem produzir um corpo humano. O mais importante é que, com o recurso aplicado da Semiologia, Roberto prova que estes são, na verdade, os novos rumos do teatro, principalmente quando os grupos, quer profissionais ou amadores, não dispõem do suficiente para manter uma peça em cartaz. E toda e qualquer montagem envolve gastos, principalmente quando o grupo pretende mostrar esse trabalho em outros pontos do País.

Para obter os atuais resultados com **Hello, boy!** Roberto Gill está há cinco anos voltado para o estudo da Semiologia, depois de ter se formado em Letras, pela Universidade Católica, e feito pós-graduação em Lingüística e Semiologia, também na mesma Universidade.

Roberto Gill participou ainda do Seminário de Dramaturgia, possui curso de Semiologia do Tetro, Semântica Geral, curso de cinema, e curso de Análise Estrutural da Narrativa. Além dessa bagagem cultural, o diretor de **Hello, boy!** tem publicadas as obras: **A Última Estação, Displacemente no Teatro,** estando por sair: **Signos Sonoros no Teatro.**

Bastante consciente do seu trabalho, revelando uma autodisciplina que condiz com sua personalidade, Roberto acertou em cheio, nessa peça **Hello, boy!** até na sonoplastia, que contagia e envolve o público no momento exato em que as cenas — perfeitamente coordenadas — são mostradas.

Essa montagem foi definida por vários jornais de Sorocaba como mensagem de amor; porém, o **Cruzeiro do Sul** traduz o texto em sua realidade: "Em **Hello, boy!** acabamos envolvidos pelo desenrolar da peça que, através de pequenas cenas totalmente encadeadas, nos mergulha num mundo de sonho e realidade em que o riso e a lágrima afloram no semblante do público. O público passa a participar de um jogo divertido a plenas gargalhadas ou bruscamente chacoalhado com a realidade dramática".

Este jornal diz ainda: "Obra do mais alto nível profissional, trabalho de direção seguro e criativo, interpretações de gabarito. Num palco absolutamente despojado, os intérpretes conseguem níveis extraordinários de comunicação com a platéia e compõem cenas de magnífica inventividade e profundo efeito plástico, como as do cinema, jogando apenas com o sugestionamento".

Durante uma semana, os que estão voltados para o teatro local puderam receber, de Roberto Gill, melhores orientações sobre "gestos e sinais, voz, expressão facial, indumentária facial, indumentária e traje, objetos e acessórios, iluminação, cenário, efeitos sonoros, regras de afastamento, texto e crítica.

O curso de Semiologia, ministrado por Roberto Gill e que, naturalmente, será apresentado em outros Estados, "visa analisar o fenômeno teatral através dos signos, propondo uma forma de abordagem do teatro que dê conta do processo de comunicação como um todo, a partir da criação do artista até chegar à percepção do público".

A reação do público não poderia ser diferente, diante do trabalho desenvolvido pelo grupo Artes. Ao mesmo tempo em que se divertia ante a linguagem simples e divertida da peça, também se fechava num silêncio reflexivo, sendo interrompido somente pelas manifestações de aplausos, que traduziam, numa maneira simples, o elogio a um trabalho bem feito.

A receptividade do público, com relação à encenação de **Hello, boy!** demonstra o claro desejo do público a um espetáculo de bom nível profissional, mesmo apresentando propostas novas. Ao contrário, o público já aprova novas propostas em termos de linguagem teatral, sempre que essas enriqueçam o espetáculo, como acontece em **Hello, boy!**

Com a absoluta ausência de cenário e objetos auxiliares, os atores de **Hello, boy!** incentivam a participação do público, "exigindo" sua contribuição, principalmente na imaginação e criatividade. E isso é visivelmente notado, quando, através de gestos e mímicas, o público interrompe a cena com aplausos espontâneos.

Embora com um enredo simples — e por isso mesmo bem aceito — o texto foi perfeitamente enquadrado dentro da realidade teatral ali encenada. Frisando o alto nível profissional de seu diretor (Roberto Gill Camargo) e de seus atores (Hamilton Sbrana e Dimas Vieira), **Hello, boy!** é sim[redacted] te uma peça imperdível.

ARQUIVO PÚBLICO ESPÍRITO SANTO